

DOIS LIBELOS CONTRA O ANTI-SEMITISMO

Odilon Nogueira de Matos

É sabido que a ascensão do nazismo na Alemanha, elevando Hitler ao poder, fez desencadear naquele país a mais violenta perseguição aos judeus já registrada em toda a história da Humanidade. Ocorrências que se acreditavam impossíveis em pleno século das luzes e da civilização e que nem bem se compreenderiam em épocas da mais cruel barbárie, recrudesceram com tal violência que empalideceram de muito tudo quanto em tempos antigos se praticara. E o mundo civilizado assistiu, praticamente impassível, às mais torpes cenas de crueldade, que a História jamais poderá esquecer. Protestos, libelos, manifestações das mais expressivas figuras da intelectualidade de todo o mundo, nada conseguiram no sentido de deter a onda de violência que só veio a terminar com a derrocada do nazismo após a mais sangrenta guerra de que se tem notícia. Mesmo porque grandes figuras da intelectualidade alemã tornaram-se vítimas do anti-semitismo, não restando, aos que puderam, outro caminho senão o exílio para países diversos da Europa e da América.

Naquele trágico momento da ascensão nazista, quando ainda não se podia prever a que requintes de barbaridade atingiria a perseguição aos judeus, dois libelos contra o anti-semitismo foram publicados em nosso País, hoje esquecidos, pois não há mais (felizmente!) clima para que sejam evocados, mas que, por representarem momentos significativos do pensamento brasileiro, carecem, como tais, de serem lembrados.

O primeiro surgiu em 1933 e intitulava-se **Por que ser anti-semita?** título duvidoso, que muitos leitores menos avisados podiam tomar tanto no sentido favorável como no contrário. Volume de 271 páginas, apresentava-se como “um inquérito entre intelectuais brasileiros” e fora editado pela Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro. Nele colaboravam trinta e cinco autores, todos citados na página-de-rostro e na própria capa. Não trazia indicação do responsável pelo livro, dando a entender que a iniciativa e responsabilidade da coordenação teriam partido da própria editora, que se decidira a “apelar para um punhado de intelectuais, pedindo-lhes que nos dessem um pouco de luzes para a orientação das massas brasileiras nesse momento crepuscular ... Cada um deles, tomando uma faceta do anti-semitismo, estudou-a do seu ponto-de-vista e com toda a liberdade de opiniões trouxe-nos a sua palavra

orientadora, apontou-nos a atitude que devemos assumir diante dessa questão, que é terrível em pleno século XX”.

Não nos parece correta a qualificação de “inquerito” dada ao livro, pois faltou-lhe um questionamento do problema, um roteiro que indicasse o equacionamento pretendido pelos organizadores do volume. Por isto mesmo, saiu uma “colcha de retalhos”, com trabalhos excelentes (verdadeiros ensaios) ao lado de outros, de suma mediocridade. Infelizmente, isto é inevitável em obras coletivas, quando lhes falta um trabalho de coordenação. A impressão que se tem é que o editor simplesmente aceitou o que lhe deram. Talvez fosse mais correto denominá-lo não de “inquerito”, mas de “depoimento”. Aliás, o próprio prefácio o reconhece ao afirmar que o livro se torna “um depoimento da coletividade através de seus mentores e dos seus expoentes”.

Aqui, chegamos a outra falha do volume. Nele não há uma palavra sequer sobre os colaboradores, quando seria de muita utilidade alguma indicação sobre cada um deles. Se é verdade que, na época, todos os autores eram pessoas de projeção na vida intelectual do País, devia-se ter pensado que, com o tempo, muitos poderiam ter seu renome esmaecido e alguns até caídos no esquecimento. Se muitos deles continuam lembrados, como figuras exponenciais de nossa vida cultural, muitos outros, meio século depois, tornaram-se totalmente desconhecidos das novas gerações. Não queremos citar exemplos. A relação que abaixo transcrevemos, do sumário do livro, parece suficiente para mostrar nosso temor.

Pela ordem em que figuram, são estas as colaborações inseridas no volume, com indicação, entre parênteses, dos respectivos autores: 1. Diálogo imaginário (Agripino Grieco); 2. A América do Sul e o anti-semitismo germânico (Baptista Pereira); 3. O anti-semitismo atual, como expressão de angústia econômica (Evaristo de Moraes); 4. Civilização é isto? (Plínio Barreto); 5. Porque não sou anti-semita (A.C. Pacheco e Silva); 6. “Escuta, Israel” (Maria Lacerda de Moura); 7. O pequenino grande povo (Afrânio Peixoto); 8. O anti-semitismo (Antônio Piccarolo); 9. Nós e os judeus (Menotti Del Picchia); 10. Profecia (Cleómenes Campos); 11. Momentos de vibração (Gilberto Amado); 12. O martírio é a força (Orígenes Lessa); 13. América, sepultura da Europa (Raul de Polillo); 14. Judeus pródigos (Galeão Coutinho); 15. Para a civilização do mundo (Coelho Netto); 16. Divagações sobre o anti-semitismo (Décio Ferraz Alvim); 17. Os judeus (Afonso Schmidt); 18. Por Israel (Humberto de Campos); 19. O problema judeu (Jayme Adour da Câmara); 20. O teatro judeu e as “razões” da perseguição de Hitler (Oduvaldo Viana); 21. Israel (Alfredo Ellis Júnior); 22. O concurso dos judeus na civilização brasileira (Solidônio Leite Filho); 23. Protesto do saber (M. Paulo Filho); 24. Dois pontos de vista (Américo R. Netto); 25. O Judaísmo (Nelson Tabajara de Oliveira); 26. O pai comum (Paulo Mendes de Almeida); 27. Hebreus e

questão social (W. Belfort de Mattos); 28. “Bibliocausto” (Orlando Rocha); 29. Os “pogroms” (José Mendonça); 30. A questão judaica (S. C. Pintaudi); 31. Religião e Ciência (Bezerra de Freitas); 32. A lenda do anti-semitismo (Pinheiro Guimarães); 33. Hitleristas de fancaria (Silveira Bueno); 34. O milagre judeu (Sampaio Ferraz); 35. A democracia e os judeus (Hermes Lima).

Pouquíssimos sobrevivem dessa plêiade de intelectuais convidados a participarem do volume da *Civilização Brasileira*: Menotti del Picchia, Pacheco e Silva, Silveira Bueno, de nosso conhecimento, e provavelmente algum outro que nos tenha escapado.

Todos os textos constantes do volume parece terem sido escritos especialmente para ele. Abra-se apenas uma exceção para o de Galeão Coutinho (p. 113 a 138), sob o título **Judeus pródigos**, que foi originalmente uma conferência proferida no Círculo Israelita, de São Paulo, em 1931. Convém ter presente esta circunstância da data — adverte uma nota de rodapé — para que se relevem “certas falhas e se ponha de manifesto, em certas passagens, o sentido de previsão dos fatos, ocorridos posteriormente na Alemanha”.

O prefácio esclarece a natureza do livro e cremos mereça transcrição:

“Seria impossível que, ao menos de ricochete, não viesse tocar à face de nossa terra e repercutir em nosso viver, o estranho e selvático movimento que os novos dirigentes alemães desencadearam contra as populações judaicas do seu país.

Queremos referir-nos ao anti-semitismo, esse complexo e antigo problema ocidental que, entre tantos povos, por tão longos séculos, ora por despeitos comerciais, ora por rancores religiosos, ora por competições políticas — tem perturbado o sossego da Europa.

Com o advento da nova política alemã, de novo o anti-semitismo explodiu — e explodiu com uma força e uma raiva incomuns.

Do dia para a noite, espalhou-se pelas nações toda a notícia das perseguições cruentas; ziniram os cabos, geraram os prelos — e começou-se a ouvir de todos os lados, alto e claro como uma fanfarra, o clamor invencível dos protestos.

Foi isso o que trouxe à tona a grande e velha questão do ódio ao hebreu; o mundo, aturdido com a brutalidade que é idosa, mas estava esquecida — organiza ainda a reação contra essa barbárie decrépita que não quer morrer...

Alastrando pelos continentes, o rumor desses acontecimentos chegou até nós; ora, aqui vivem judeus como vivem alemães — e todos, semitas e arianos, vivem bem ou mal, mas vivem, e convivem, e trabalham e produzem conosco.

Não foi possível, porém, evitar os efeitos do movimento anti-semita e vimos, então, pelos jornais, espoucar o conflito no platonismo das polémicas. Resultado? Também nós sentimos um vago

malestar; também nós nos inquietamos, já agora, com o preconceito das raças, a que sempre fomos avessos — e preocupamo-nos com o anti-semitismo. Daí, este livro...

O nosso público, sempre alheio a essas agitações longínquas ou pretéritas, de chofre teve a sua atenção voltada violentamente para elas. Segue, pela imprensa, os debates em torno do caso; sonda, num e noutro autor, ao acaso das livrarias, esse problema; e, afinal, fica mais ou menos em dúvida sobre as conclusões a que deve chegar.

Foi diante dessas considerações que nos ocorreu apelar para um punhado de intelectuais, pedindo-lhes que nos dessem um pouco de luzes para a orientação das massas brasileiras nesse momento crepuscular. Assim se fez este livro...

São, todos os que nele colaboraram, nomes consagrados pelos críticos e pelos leitores; não há, nesse ramalhete de renomes, um só que não seja um tipo representativo na esfera luminosa de sua atividade e que não contribua de maneira profunda e decisiva para o esplendor do pensamento entre nós.

Cada um deles, tomando uma faceta do anti-semitismo, estudou-a do seu ponto-de-vista e com toda liberdade de opiniões trouxe-nos a sua palavra norteadora; cada um deles, pondo aqui o cérebro e o coração ao serviço das idéias — apontou-nos a atitude que devemos assumir diante dessa questão, que é terrível em pleno século XX.

Este livro, pois, não é apenas uma crítica multiforme e iluminada do anti-semitismo; é, também, uma grande e sábia lição de verdade e de justiça.

É o clamor de um punhado de consciências brasileiras esclarecidas contra a ação de bárbaros retardatários que querem arrancar à humanidade o direito de andar sobre dois pés...

Partindo de tantas penas, privilegiadas sem dúvida, mas, sem dúvida, diferentes, este feixe de artigos poderia carecer de unidade; isso, entretanto, não se deu e nem, talvez, seria possível que se desse. Havia, a unificá-los, como um cordão que liga muitas e muitas pérolas, a singularidade do tema.

Entretanto, acima dessa, outra havia, que se não imaginaria tão forte e tão clara: era a homogeneidade da nossa repulsa, já hoje secular, a todas as encarnações do preconceito de raças.

Neste livro, com efeito, impressionou a igual e vibrante oposição a essa monstruosidade que tem parecido imortal e que sempre floresce, aqui ou ali, sob as mais fantasiosas designações.

E nisto, este livro, mais que uma palavra de guia, mais que uma série de ensinamentos, se torna um depoimento da coletividade através dos seus mentores e dos seus expoentes.

Com efeito, sempre fomos, somos hoje e cremos que seremos sempre refratários a essas tolices ignóbeis que tentam talhar e retalhar a nossa espécie em famílias puras e famílias impuras, em castas superiores e castas degradadas, com grupos mais ou menos divinos e em grupos mais ou menos animais.

E é essa uma das nossas grandes e belas qualidades. Praticamente, seguimos, todos, essa sã e doce filosofia que faz de todos os povos

irmãos — irmãos desunidos, irmãos imperfeitos, irmãos mais altos ou mais baixos, irmãos mais alvos ou mais pretos — mas, afinal, irmãos...

Outros serão mais inteligentes ou mais guerreiros, mais antigos ou mais espertos, mais robustos ou mais ferozes do que nós; nenhum, porém, em tempo algum, sob céu algum, compreendeu melhor a velha e funda e bela verdade da igualdade humana na face da terra.

É uma das qualidades do brasileiro; será uma de suas glórias pela vida em fora. Podemos ter fraquezas, porém ninguém poderá contestar que possuímos alguma ou algumas virtudes: resta saber se estas absorvem aquelas. Entre as nossas virtudes ressalta esplendorosamente os nossos reconhecidos sentimentos amigos e hospitaleiros.

Esta publicação é uma prova desta verdade, ecoando, por certo, pelas terras brasílicas como um grito de desabafo de um povo que há séculos pugna pela sua liberdade”.

O longo prefácio, que nos pareceu oportuno transcrever, corre por conta de “os compiladores” do volume, como também por conta deles corre a declaração de que o livro era publicado “in memoriam”, numa homenagem “aos muitos israelitas trucidados, vítimas de uma campanha inglória”.

Livro circunstancial, não comportou reedição, tanto quanto estamos informados. Por isto mesmo, tornou-se bastante raro e poucos são hoje seus possuidores, incluindo bibliotecas. Bem ou mal, cumpriu seu papel de libelo contra a onda anti-semita que tomou conta da Alemanha naqueles anos terríveis, e até certo ponto representou o que pretenderam os “compiladores”, isto é, “não apenas uma crítica uniforme e iluminada do anti-semitismo, mas, também, uma grande e sábia lição de verdade e de justiça”.

*

No ano seguinte (1934) — e este é o segundo “libelo” de nossas considerações — Baptista Pereira publicava **O Brasil e o Anti-semitismo**, pela Editora Guanabara, de Waissman, Koogan, Ltda., também do Rio Janeiro. Volume de 212 páginas, integrava uma coleção denominada “Biblioteca de Cultura Científica”, dirigida por Afrânio Peixoto. Baptista Pereira (1880-1960) era natural de Pelotas, Rio Grande do Sul, mas paulista de formação. Viveu em Campinas no início do século, quando disputou com Coelho Netto a cadeira de Literatura de nosso tradicional “Ginásio do Estado” (o “Culto à Ciência”, de hoje). Não logrando êxito no concurso, retirou-se para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro, onde viveu praticamente o restante de sua vida. Tornou-se genro de Rui Barbosa, a quem acompanhou, como secretário particular, na Conferência da Paz, em Haia, em 1907. Sua enorme dedicação a Rui levou-o a falar e a escrever sobre o grande brasileiro em conferências e

escritos memoráveis, quase todos reunidos em livros. Deixou diversas obras abordando temas de História, Política e Sociologia. Delas, ocupamo-nos demoradamente em conferência proferida por ocasião de seu centenário, em 1980, publicada em o nº 103 (jul/set.), de 1981, desta revista. **O Brasil e o Anti-semitismo** foi seu último livro, embora vivesse ainda quase trinta anos. Posteriormente, publicou, como trabalho de vulto, **A Cidade de Anchieta**, que não chegou a aparecer em volume, apenas nas páginas da “Revista do Arquivo Municipal”, de São Paulo, nº 23, de maio de 1936.

O Brasil e o Anti-semitismo incidia numa série de deficiências de ordem bibliográfica. A começar pela falta da data da edição, quer na página-de-rostro ou na capa, no prefácio ou no colofão, estes dois, aliás, inexistentes. O único local onde a data (1934) vinha assinalada era no dorso do volume, justamente a parte que necessariamente seria eliminada, se o livro viesse a ser encadernado. Aí, perder-se-ia a única referência cronológica. Isto dificulta, inclusive o entendimento de certas indicações de data que, vez ou outra, aparecem no livro, especialmente quando o autor cita fatos mencionados pela imprensa, onde se menciona o dia e o mês, mas sem o ano! Ou simplesmente a expressão “deste ano...” Mas, que ano? Na época, talvez fossem fatos do dia-a-dia. Mas, e depois, quando tudo houvesse caído no esquecimento? Que referenciais teria o pesquisador que precisasse utilizar-se do livro?

Outra falha: a ausência de um “prefácio”, “explicação” ou coisa similar, que permita ao leitor conhecer a natureza do livro. É certo que ele resultou de conferência proferida na Casa de Rui Barbosa, mas sem que o leitor saiba quando. E a própria indicação do local, aparece apenas páginas adiante. No entanto, uma simples nota de pé-de-página resolveria todas estas dificuldades. Uma série de elementos sugere-nos que a conferência tenha sido pronunciada em 1933, já que o livro saiu em 1934. Mas, por que não indicar isto de maneira clara? Outro ponto: toda a matéria constante do livro faria parte da conferência lida na Casa de Rui Barbosa? Inclínamo-nos pela afirmativa, embora haja tópicos pouco adequados a uma conferência ou mesmo destoante do tema que o autor pretendeu tratar, no caso **O Brasil e o anti-semitismo**.

A conferência, feita a convite de Homero Pires, então diretor da Casa de Rui Barbosa, foi a inicial de uma série destinada a procurar na vida e obra de Rui “a lição de justiça que fosse mais útil recordar ao mundo contemporâneo”. E com este objetivo — esclarece o autor — chegou logicamente ao **Caso Dreyfus** e ao anti-semitismo: “Nada mais oportuno. A sua atitude de então (de Rui) define e vaticina a do Brasil de hoje”, pois “nunca houve momento tão decisivo na história moral do homem”.

A parte relativa ao famoso “affaire” ocupa as primeiras quarenta e cinco páginas da conferência. A tônica desta, o que vale dizer

de todo o livro, vem logo no início: “Quem terá razão? seremos nós que acreditamos no Direito? serão os outros que só acreditam na força?” E adiante: “Tristes de nós, tristes do Brasil, triste de nosso continente, se num momento destes, em que o mundo ameaça volver à bruteza primitiva, levados por mesquinhas considerações de interesse ou conveniência, esquecêssemos o princípio que é a raiz e a condição de toda a civilização, esquecêssemos que o maior dever da humanidade é ser humana!”.

A partir do tópico intitulado “A Alemanha e o anti-semitismo dos pogroms”, toda a matéria passa a ser relacionada com o que estava começando a ocorrer na Alemanha após a ascensão do nazismo e não deixa dúvida quanto à posição do autor face a uma das mais trágicas ocorrências da história da Humanidade. E a conferência foi pronunciada e o livro publicado muito antes da Segunda Grande Guerra, quando, talvez, ainda não se pudesse prever a que ponto chegariam os hediondos crimes perpetrados na Alemanha. Ao leitor menos avisado, explica: “Conheceis a palavra **pogrom**? É um termo russo para designar a matança em massa dos judeus. A Rússia bolchevista (e é uma justiça a fazer-lhe) acabou com os **pogroms** tristemente célebres do tempo dos tzares. Estava reservado a uma das mais civilizadas nações do orbe o triste privilégio de revivê-los”. E para instruir sua afirmação, cita exemplos concretos de atrocidades cometidas nos primeiros anos do regime nazista.

No tópico “Judeus e cristãos” (p. 57/59), afirma não defender os judeus porque judeus, “mas porque parte integrante da Humanidade”, mesmo porque o “Judeu do Calvário” ensinou-lhe a amar o próximo como a si mesmo. Em “Perda de simpatia” (p. 61/66), lembra sua antiga admiração pela Alemanha e como, agora, com a nova situação, “todas essas simpatias foram rio abaixo”. Justifica: “O seu (da Alemanha) esforço gigantesco para afirmar-se, o seu assombroso trabalho para unificar o espírito nacional comovia. A carreira vertiginosa de seu **Führer** espantava (...) Se a Alemanha se tivesse limitado a fortalecer-se moral e materialmente, dentro da linha de um nacionalismo estreito, mas humano, não tenham dúvida, as simpatias do mundo estavam com ela. Tanto, porém, que conquistou essa situação invejável, não teve a Alemanha empenho maior do que trair seus próprios interesses e perdê-la. Tratou logo de transformar o seu nacionalismo numa campanha de ódio e extermínio. Exilou a nata de sua cultura, a aristocracia de sua inteligência por uma anacrônica e odiosa questão de raça”.

“Minha atitude” (p. 67/72) tem um certo caráter de memória, a lembrar o quanto, durante a Primeira Grande Guerra, recusou-se a atribuir à Alemanha a culpa total no conflito e ilustra o tópico com episódio referente ao seu convívio com Rui Barbosa. Uma profissão de fé no liberalismo é o que se encontra a seguir (p. 73/80), para depois (p. 81/86) estabelecer a contradição do espírito alemão: “A verdade é que

além dessa Alemanha (a de Goethe, Schiller, Bach e Heine), há outra — a que está hoje dominando — a Alemanha de Fichte, de Schopenhauer, de Chamberlain, de von Bernhardt e de Treitske. Nesta, a crueldade é um fenômeno natural. As idéias daqueles semeadores da violência e da paranóia medraram e amadureceram numa raça sabiamente adubada para assimilá-las. Eis aí os seus frutos”.

Os perigos da influência nazista no Brasil, a perseguição aos autores judeus com a queima pública de seus livros, a atitude da Inglaterra com relação aos judeus, os grandes judeus alemães, notadamente os que mais influíram no desenvolvimento cultural da Alemanha (entre outras coisas, com numerosas vitórias no domínio da ciência, a começar pelos prêmios Nobel), são tópicos que colocam o autor bem à vontade para deles tratar, ainda que de passagem, dada a natureza e as dimensões do volume. No tópico “O hitlerismo pelos próprios hitleristas” (p. 125/135) transcrevem-se trechos anti-semitas de publicações alemãs da época, ou então do noticiário internacional, visando ao mesmo objetivo.

Mais alguns tópicos de temas variados — relações do Brasil com a França, o “conto dos marcos” aplicado pela Alemanha ao mundo após a Primeira Grande Guerra, a igualdade jurídica das nações, defendida por Rui Barbosa na Conferência de Haia, a atitude de Rui diante do armistício de 1918 —, e chega o autor aos tópicos “A Alemanha e seus vizinhos” e “A Itália”, nos quais, infelizmente, revelou-se mau profeta: “Não há dúvida que a clássica ameaça de Dâmocles está de novo sobre a cabeça da civilização. Mas, desta vez os tempos são outros”. É onde se enganava o autor. Exemplos: “A Polônia libertada, tendo à frente dos seus destinos a figura lendária de um novo Sobiesky, derramará até a última gota de seu sangue antes de consentir em ver-se de novo acorrentada”. Ora, foi precisamente pela invasão nazista na Polônia que teve início, a 1.º de setembro de 1939, a Segunda Grande Guerra...

Outro exemplo: “A Áustria, reduzida ao décimo do que era, oferece-nos também outro milagre. Parece que a Providência desta vez se empenha em salvar o mundo da barbárie. Deu à Áustria um homem assombroso, que tem resistido às manobras nazistas. Dolfuss é hoje uma das maiores figuras do cenário universal. Nesse homem pequeno e heróico, que repete contra Hitler o combate de David contra Golias, achou o nazismo o seu mais terrível adversário”. Ora, precisamente Dolfuss foi uma das primeiras vítimas do nazismo, assassinado em 1934, no mesmo ano em que Baptista Pereira pronunciava essas palavras. E poucos anos depois, era toda a Áustria, através do **Anschluss** de 1938, que perdia a sua independência, simplesmente anexada pela Alemanha nazista... Ainda outro exemplo: “Em vão o hitlerismo, fazendo castelos no ar, insinua que numa nova guerra contará com a Itália. A Itália ao lado da Alemanha! Como se não velasse sobre ela o gênio de Mussolini!” Ora, é sabido que a

Itália, com tudo o que Baptista Pereira dela esperava (dela e de Mussolini) foi a primeira a aliar-se à Alemanha de Hitler para a formação do malfadado “Eixo”... Na época, era o autor entusiasta do “gênio de Mussolini”. Estranho para quem conhece a formação de Baptista Pereira: “Todo o mundo é acorde em que o seu traço predominante (de Mussolini) é o zelo do nome, da honra e da glória da Itália”.

Que pena não tivesse Baptista Pereira revisto seu livro de 1934 dez ou doze anos depois!

O Brasil e o Anti-semitismo — como já se indicou — foi praticamente o seu último livro, embora vivesse ainda quase trinta anos, tempo suficiente para aquilatar criteriosamente de tudo quanto ocorreu durante a Segunda Grande Guerra e dos anos que se lhe seguiram, pois só veio a falecer em 1960. Quanta coisa teria a testemunhar ou a depor se quisesse ou pudesse continuar escrevendo! Naquele mesmo ano de 1934, Baptista Pereira reeditou seu livro, integralmente, nas páginas do primeiro volume da “Revista Brasileira” (quarta fase), por ele criada, e que circulou até o ano seguinte.

Tanto o livro original, como a revista em que foi reeditado, são hoje raridades bibliográficas. Livro de circunstância — tal como o **Por que ser anti-semita?**, que consideramos no início desta nota — não fez jus a outras edições. O assunto já é pouco lembrado das novas gerações, dando-nos a esperança de que jamais ressurgja. Assim, livros como os dois que registramos, já seriam “demodées”... Nem clima haveria, sequer para uma releitura, a não ser como finalidade de pesquisa para o estudo das mentalidades. Porque — bem ou mal — marcaram um momento na história de nossa mentalidade. O anti-semitismo existiu e, conseqüentemente, o “antianti-semitismo” também teve que existir. E os dois exemplos brasileiros nos parecem significativos, quando recordados depois de mais de meio século.